



Quinta-feira, 28 de abril de 2022

Buenos Aires

Essa viagem está sendo ótima para mim. Oito dias em um país totalmente diferente, longe de tudo e de todos: uma boa oportunidade para me reconectar comigo mesma e começar a entender quem eu sou, sem um parceiro ao lado para me ditar as regras.

Parte desse meu momento de redescobrimento tem sido conhecer gente nova, ter papos novos, mentes novas... Não tem dado muito certo; minhas últimas experiências foram bem estranhas e desastrosas (como tu bem deve lembrar).

Placar atual: Babacas escrotos 2 x vida amorosa da Rebecca 0.

Vim para a Argentina decidida a não abrir o aplicativo por aqui, para não ficar ligada aos contatinhos de Porto Alegre e conseguir aproveitar ao máximo essa experiência — um pouco também pelo medo de sair com um total desconhecido, estando a muitos quilômetros de qualquer pessoa que eu conheça. Mas eu tenho encontrado argentinos tão gatinhos na rua... e eles parecem tão gentis... Deu vontade de curtir a noite com alguém que conhece a cidade fora dos roteiros turísticos.

Ontem à noite, resolvi abrir o aplicativo e já dei alguns matches. Os argentinos são realmente uma gracinha, e teve esse cara que me encantou pelas fotos: alto, bem bronzeado, parecia curtir praia e sair para beber. Era tudo que eu precisava para um namorico de viagem. Outro ponto relevante sobre o Juan: ele fala português, o que é bem importante para al guém que só sabe enrolar no bom e velho “portunhol”.

Começamos a conversar, e ele sugeriu este bar onde estou sentada agora: Sullivan’s Pub, um lugar com um jeitinho irlandês muito fofo, que passa todo tipo de esporte nas TVs espalhadas pelo ambiente. Desta vez, preferi chegar um pouco antes, para avaliar a

situação: o cardápio, o bar, as possibilidades de fuga (tá, parei!). Mas, de verdade, quem é que gosta de ficar olhando pelo bar, procurando uma pessoa que nunca viu, em um país que não conhece, parecendo uma tonta? E isso pode ficar ainda pior quando se é míope. Nesta noite, prefiro ser a pessoa que abana com um sorriso encantador e cujos únicos movimentos iniciais são levantar para dar um beijinho de boas-vindas (na bochecha, é claro).

E é exatamente assim que acontece. Juan entra pela porta de vidro do bar, passa os olhos rapidamente pelas mesas e abre um sorriso largo quando me vê. Ele é a mesma pessoa das fotos (ufa!), ou ainda mais bonito — não sei bem dizer... Eu já tinha tomado uma cerveja naquela hora.

— Oi, Rebecca, como está? — diz ele, me cumprimentando entre beijinhos nas bochechas.

— Estou bem, me ambientando à cidade ainda — digo, retribuindo o sorriso.

— Não consegui chegar primeiro, mas me permita essa honra agora — diz ele, puxando a cadeira que eu já estava, fazendo menção para que eu volte ao meu lugar.

— Ah... claro... não estou acostumada com tanto cavalheirismo — digo, aceitando o convite, mas um pouco sem graça.

— No Brasil, os homens não costumam ser educados? — ele pergunta.

— Nem todos... Se eu te contasse as minhas duas últimas aventuras amorosas, tu ficaria surpreso — respondo.

— Esses moleques! Não fazem ideia do que estão perdendo ao não tratar uma dama como ela merece. Uma mulher tão charmosa como você merece o mundo — diz ele, puxando minha mão para si e beijando os nós dos meus dedos.

— Ah, Juan... — digo, quase suspirando. — Acho que meus conterrâneos precisam de uma aula contigo.

— Acho que vou criar um canal no YouTube de como tratar as muchachas — diz ele, rindo da própria piada fofinha. — Mas então, me conta sobre essas duas aventuras amorosas que não foram tão boas.

— Tem certeza? Quer que eu conte de outros caras durante o encontro? — pergunto.

— Claro! Tenho certeza de que vai render boas risadas. Vamos lá! — diz ele, acenando para o garçom e já pedindo mais uma rodada do que eu estava bebendo para nós dois.

E foi assim que duas horas se passaram como se fossem vinte minutos. Ele foi gentil a noite toda, e eu estava muito a fim de sairmos para outro lugar. Além de me fazer rir, ele também estava despertando algumas borboletas que estavam quietas há um tempo. E eu gostava da sensação.

E agora? Minha primeira transa depois do Rodrigo... Aqui, em outro país, com um completo desconhecido ainda? Talvez seja até melhor. Sexo de transição — é disso que eu estou precisando para virar mais um pouquinho dessa página.

— Você gostaria de sair daqui e ir para algum lugar mais privado? — diz ele, parecendo ler a minha mente.

— Hmm, acho que sim. O que você tem em mente? — respondo.

— Você disse que está ficando em um apê aqui perto, né? Poderíamos ir para lá. O meu é um pouco longe e pode ficar ruim se você decidir voltar — sugere ele.

— Claro, vamos pedir a conta e ir pro meu apê — digo, sem pensar nas possíveis consequências que esse meu ato poderia ter.

Pagamos e fomos embora. O céu estava lindo e cheio de estrelas, guiando o nosso caminho. Parecia até cena de filme, daqueles que a gente vê à tarde, naqueles dias de chuva, acompanhada de um brigadeiro de panela. Não demorou para chegarmos ao prédio onde eu estava hospedada. Já que, nesta cidade, é tudo longe, decidi ficar perto da parte mais animada, facilitando o meu deslocamento à noite.

— Que apê massa, Rebecca! Melhor que o meu. Deve estar custando uma banana ficar aqui todos esses dias — comenta ele, ao passarmos pela porta.

— Sabe que não? Eu pesquisei bastante e eles têm essa rede de apartamentos que as pessoas alugam, então acho que isso deixa tudo mais em conta. Está sendo bem legal, na verdade: fica perto dos barzinhos e de vários cafés, sem precisar ir para todo lado de carro. A propósito, como o Uber é caro aqui, né? Tento nem converter, para não ficar chateada com o preço das experiências — digo, falando rápido demais, pelo nervosismo de estar novamente a sós com outro cara.

— Eu sei que você gosta bastante de falar, Rebecca, mas poderíamos nos ocupar com outra coisa agora, né? — fala ele, com aquela voz mansa, chegando mais perto de mim, segurando minha mão e me puxando para mais perto dele.

— Ah, sim... desculpe. Na verdade, estou um pouco nervosa com isso tudo. — Minha voz um pouco trêmula não me deixa mentir.

— Não fique, pode confiar em mim, meu bem — diz ele, me dando um beijo leve no canto da boca, que me faz arrepiar e desperta uma eletricidade nova.

Nos beijamos, e ele me conduziu até a cama. Estava um pouco desarrumada, mas tentei não ligar para isso. Estava tão bom que ele não notaria nada. Os beijos evoluíram para alguns toques e, quando percebi, já estávamos emaranhados na cama, sem algumas das nossas peças de roupa. A noite pareceu incrível. Não sei se ela foi realmente tão boa ou se era o efeito das três cervejas que tomei, mas fui dormir com aquele argentino ao meu lado e a certeza de que lembraria daquela noite para sempre.

Eram 7h30 quando o despertador tocou. Gosto de levantar cedo quando estou viajando; se é para dormir, eu fico em casa, então. Num instante, me lembro de Juan. Olho para o outro lado da cama e... ele já foi embora. Tudo bem, era uma opção bem provável, até porque é dia útil e nem todo mundo está de férias por aqui, né?

A casa está mais desarrumada do que eu lembrava ter deixado. Será que isso tudo fomos nós dois ontem? Eu me lembro de tudo ser tão doce e delicado...

Ah, droga! A porta do armário está aberta. A PORTA DO ARMÁRIO ONDE EU DEIXEI MEU DINHEIRO DA VIAGEM TÁ ABERTA!

Neste lugar tudo vale milhões, e andar com maços de dinheiro é algo normal. Eu cheguei, troquei todo o meu dinheiro no aeroporto e guardei ali dentro, para não levar tudo na bolsa e correr o risco de ser assaltada na rua... mas parece que isso aconteceu aqui dentro mesmo. Salto da cama correndo, numa tentativa de desmentir a hipótese que meu cérebro criou. Meu pé fica preso no lençol e eu caio. Ele literalmente me amarrou ontem à noite? Parece que não foi tão doce quanto eu lembrava. Obrigada, álcool, por essa amnésia temporária.

Confiro o armário e... é verdade: mais da metade do meu dinheiro sumiu. E o canalha ainda deixou um bilhete. UM BILHETE!

“Querida, obrigada pela noite de ontem. Espero que tenha sido tão incrível para você quanto foi para mim. Tomei a liberdade de pegar uma lembrancinha sua. Acho que não vai fazer tanta falta, né?”

Alguém hospedada num apê assim deve ter bastante grana sobrando. Espero que não se importe.

Boa viagem, gatinha. Adiós.”

Ai, que ódio! Não vou me importar? Apê desses? Eu peguei na promoção da rede, poxa.

Que cara patético! Vim para esta cidade com o intuito de ter a viagem da minha vida, mas parece que agora vou ter que fazer algumas escolhas se quiser continuar me mantendo até o final da viagem, sem me endividar. Pelo menos ele me deu o que eu precisava: o sexo de transição mais caro da história. Mas tudo bem, vai ser história para contar quando eu voltar. Quem sabe eu não escrevo até um livro dessas aventuras?

Uma coisa é certa: não vou mais ligar esse aplicativo em terras estrangeiras e, muito menos, levar um completo desconhecido para a minha hospedagem de novo.